



POSTULAÇÃO  
DE FRANCISCO E JACINTA MARTO

# BEM-AVENTURADOS FRANCISCO E JACINTA MARTO

## Boletim dos Pastorinhos

Publicação trimestral - preço 1 € | issn 1645-1309

JULHO/SETEMBRO 2014 – 214 (Ano 52)

## CONFIDENTE DO SILÊNCIO DE DEUS

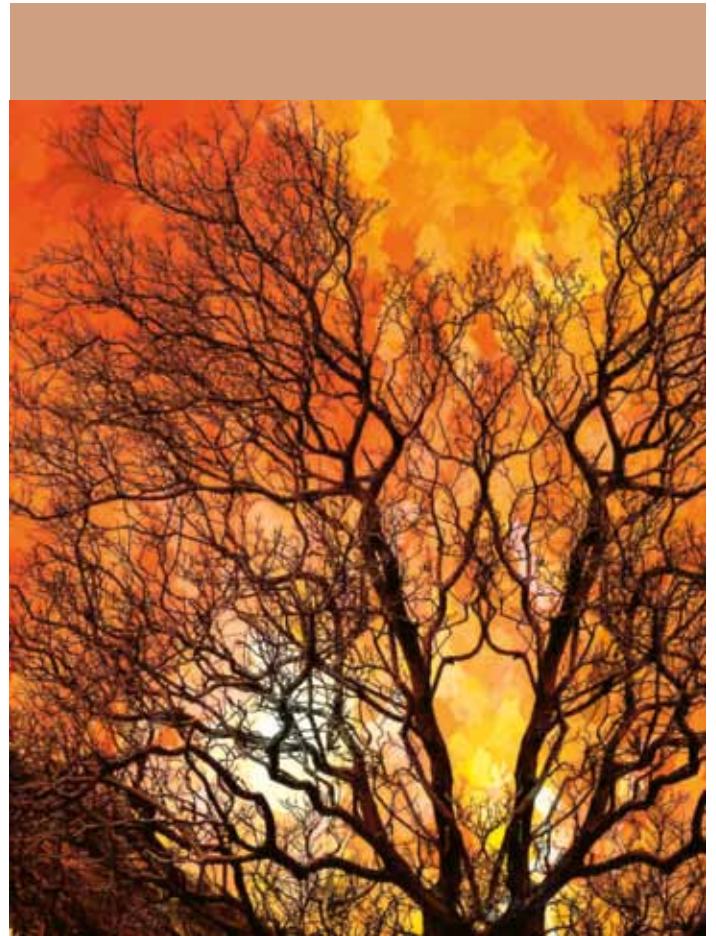
Pedro Valinho Gomes

*Postulação de Francisco e Jacinta Marto*

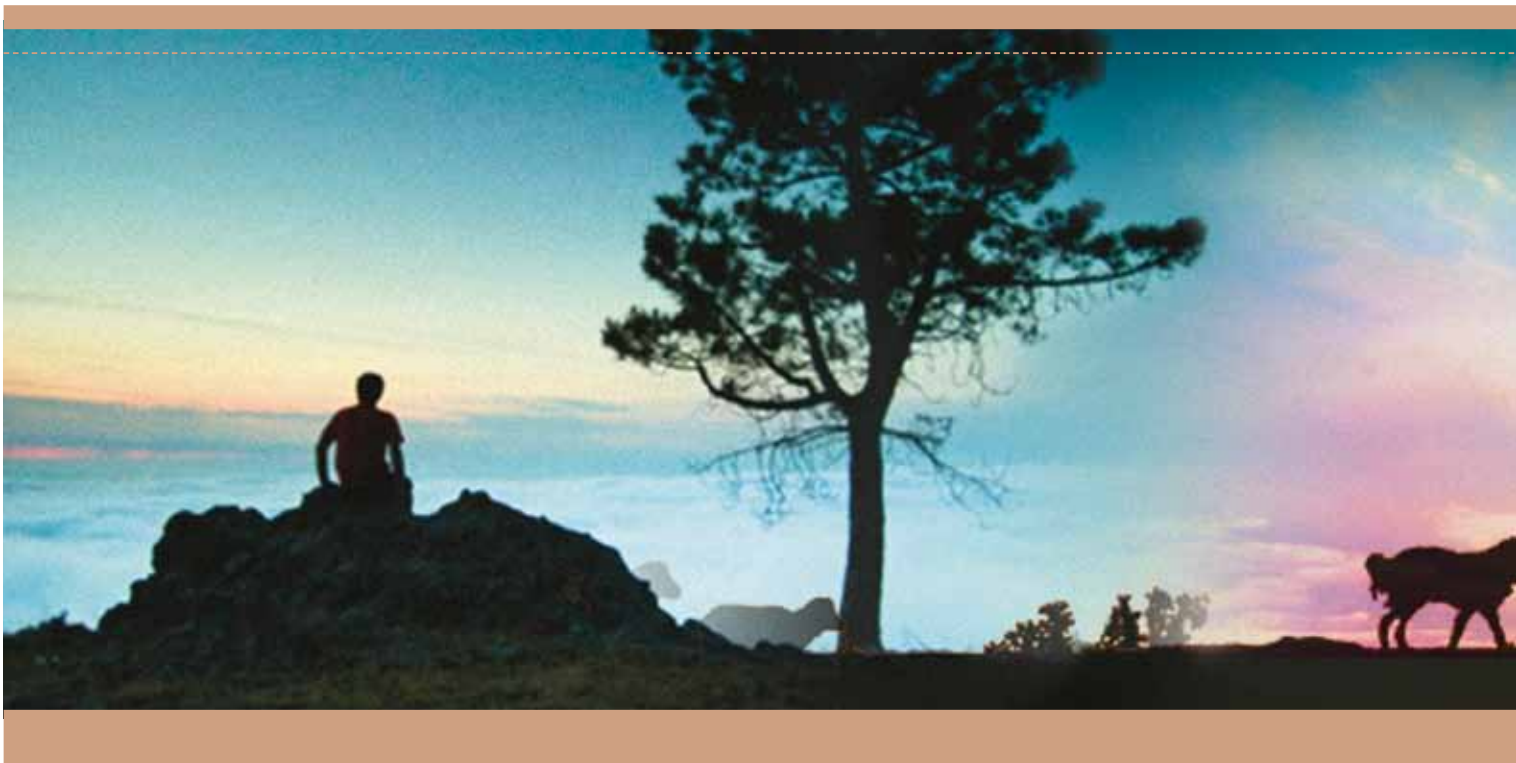
«*Bom é esperar em silêncio a salvação do Senhor*»

(Lm 3,26)

**S**urpreende o *fiat* do pequeno Francisco Marto, pastorinho de Fátima. É um *sim* oferecido no silêncio de uma convocação que ele não escutou em primeira mão. Não com palavras, ainda que o silêncio que ele escuta tenha a força das *palavras de vida eterna* (Jo 6,68). Para o Francisco, a Teofania de Fátima é a revelação silenciosa de um Deus que ateia a sua vida com uma luz imensa de beleza e de verdade, e que infunde no seu espírito *desígnios de misericórdia*. É o silêncio de Deus que lhe converte o coração em *sarça ardente*. Se, durante as aparições, a sua prima Lúcia vê, escuta e fala com a Senhora mais brilhante do que o sol, se a sua irmã Jacinta vê e escuta, o Francisco vê *apenas*. E *ver é tudo*.<sup>1</sup>



“*É o silêncio de Deus que  
lhe converte o coração em  
sarça ardente*”



Nesse silêncio, encuba uma história de amizade entre o Deus da proximidade e do acolhimento e o menino que anseia ser preenchido pelo essencial; entre o Deus *escondido* na história do mundo e o menino que deseja ardentemente revelá-lo a todos; entre o Deus que se anuncia com Palavras de Misericórdia e o menino que, não as escutando da voz da Senhora do Rosário, intui-as com a inocência de um coração que faz fé na beleza transformadora do Amor. Tudo se passa como se o silêncio das aparições fosse, para o Francisco, oportunidade de um aprofundamento da visão de Deus. Naquele silêncio, germina uma intimidade que haverá de delinear os contornos da vocação contemplativa do pequeno pastor de Fátima.

E esse *sim* surpreendente oferecido em silêncio ao silêncio de Deus é metáfora de um jeito de ser dos discípulos de Cristo, imagem de um estilo de ser Igreja: esta predisposição para oferecer a vida a Deus, ainda quando é apenas a visão da fé a entrever a presença bela do Deus da Misericórdia na história do mundo, mesmo se a única certeza é a luz que irradia da esperança, dessa esperança que «não engana, porque o amor de Deus foi derramado nos nossos corações» (Rm 5,5); esta disponibilidade para o dom de si no acolhimento dos desígnios de Deus, mesmo não os conhecendo

do plenamente, não os escutando em palavras detalhadas, não controlando a gramática dos seus planos, mas intuindo com uma força inabalável que os seus desígnios são de misericórdia e que «tudo concorre para o bem dos que amam a Deus» (Rm 8,28). É este o jeito do *fiat* do Francisco, vidente do invisível, confidente do silêncio de Deus.

## A MENSAGEM E O SILÊNCIO

Habitadas pela novidade de Jesus, pela sua promessa de vida em abundância, pelo seu dom permanente e incondicional de amor, as palavras de Fátima dizem o indizível do Evangelho. São palavras habitadas pelo Mistério de Deus. E a digestão de uma palavra habitada faz-se em silêncio. Assim foi com os discípulos de Jesus que, depois da visão da transfiguração do *Filho predileto*, «guardaram silêncio e, naqueles dias, nada contaram a ninguém do que tinham visto» (Lc 9,36). E com que palavras haveriam de contar? Que palavras traduziriam plenamente essa epifania da Palavra transfigurada em síntese da palavra da lei (Moisés) e da palavra da profecia (Elias) e, portanto, síntese do verbo *amar* com que se conjuga a relação de Deus com o seu povo? E como não guardar silêncio

O suspiro do Francisco é paradigmático:

*“Nós estávamos a arder naquela luz que é Deus,  
e não nos queimávamos.”*

para que essa Palavra ganhe corpo naquele que é testemunha do acontecimento do Verbo? E como não desejar acariciar na sua intimidade inviolável a alegria transbordante daquele encontro inaudito e inesperado?

Assim também com os pastores de Fátima. Quando o Francisco pergunta à irmã e à prima pelas palavras do Anjo, elas pedem-lhe ainda silêncio, imersas que estão na *pesada glória* de Deus (do hebraico *kabodh*, «glória» que tem o sentido de «gravidade» ou «grande peso»), não se dando sequer “conta da sua própria existência”. O silêncio impõe-se de si: “Nesta aparição, nenhum pensou em falar nem em recomendar o segredo. Ela de si se impôs. Era tão íntima que não era fácil pronunciar sobre ela a menor palavra”.<sup>2</sup> E, à medida que amadurece no seu interior o significado da mensagem, as primeiras palavras são ainda em forma de pergunta: “<sup>3</sup>«Quem é o Altíssimo? Que quer dizer: os Corações de Jesus e Maria estão atentos à voz das vossas súplicas? Etc.» E, obtida a resposta, [o Francisco] ficava-se pensando, para logo interromper com outra pergunta.” Este ritmo quase litúrgico da Palavra e do silêncio, da epifania e do recolhimento, deverá marcar profundamente a vida dos pastorinhos, e particularmente a do Francisco.

A vida das crianças de Fátima, selada pela mensagem acolhida, não deixará mais de viver este paradoxo do anúncio e do silêncio. Do anúncio fermentado no silêncio e pelo silêncio. O suspiro do Francisco é paradigmático: “Nós estávamos a arder naquela luz que é Deus, e não nos queimávamos. Como é Deus! Não se pode dizer! Isto sim, que a gente nunca pode dizer!”<sup>4</sup> Não é sem razão que Israel não pronuncia o nome de Deus. E quando Deus se revela no Verbo encarnado, o seu nome ganha o corpo de uma relação vital: *Deus é Amor* (1Jo 4,8). De uma relação que se expande aos confins da terra. Por isso, o Francisco, que não se atreve a *dizer como é Deus*, não deixará de desejar contagiar os demais com o toque daquela amizade: “Se tivésseis visto o que eu vi, se soubésseis o que eu sei...”<sup>5</sup>

O silêncio é palavra central na Mensagem de Fátima. É no silêncio que se diz o segredo de uma mensagem que é para todos e que deverá converter a vida de muitos. No silêncio de uma relação vital de intimidade com Deus. No recanto íntimo em que a mensagem há de ser acolhida, rezada e vivida. ►





## O MENINO DO SILÊNCIO DE DEUS

*Convocado* no silêncio, é no silêncio que o Francisco *invoca*.

A adoração do pequeno pastor de Fátima, o seu recatado *pensar em Deus*, não é uma disciplina de silêncio, no sentido de uma obrigação imposta por um qualquer imperativo. É a orientação da sua vida toda para o Pai. É de uma relação vital que se trata, alimentada na intimidade por um amor indizível, para o qual faltam as palavras e todas as palavras sobram. E porque se trata de uma relação vital, duma amizade recém-descoberta, mas que é de sempre, e que transforma a vida para sempre, o Francisco pode alimentar esta relação junto a *Jesus escondido* no sacrário da Paróquia, no topo de uma qualquer pedra da Cova da Iria, ou no esconderijo de um qualquer arbusto. Porque os verdadeiros adoradores são-no «em espírito e verdade» (Jo 4,24).

E se alguém perguntar quem foi este menino, Francisco Marto de Fátima, a resposta deverá ser encontrada no silêncio que fala de Deus. Estava certo o poeta que, a respeito de um outro Francisco, o pobre de Assis, dizia que “se se quer conhecer um homem, é preciso buscar aquele para quem a sua vida está secretamente voltada.”<sup>6</sup> A vida deste menino – que cultiva a santidade na intimidade da sua

vida – apenas se compreende a partir daquele que é o interlocutor do seu silêncio, a partir daquele que é a razão da sua vida e do seu silêncio, a partir daquele que é, para o pequeno Francisco, Palavra revelada em silêncio.

O menino de Fátima vive ao jeito daquele servo bom e fiel, que faz render os seus talentos. O dom do silêncio, acolhido da epifania de Deus, frutificou numa vida toda feita adoração. Olhar o menino do silêncio de Deus é compreender que o essencial, isso que é apenas visível com os olhos do coração,<sup>7</sup> é indizível às palavras e afirmado verdadeiramente apenas com a vida. O *fiat* do pequeno Francisco, o menino do silêncio de Deus, o menino que apenas via e para quem ver foi *tudo*, surpreende e provoca e convoca.

1 Cf. o relato da Irmã Lúcia: «Na aparição do Anjo, prostrou-se como sua irmã e eu, levado por uma força sobrenatural que a isso nos movia; mas a oração aprendeu-a ouvindo-nos repeti-la, pois, ao Anjo, dizia não ter ouvido nada» (*Memórias da Irmã Lúcia*, Secretariado dos Pastorinhos, Fátima 2010, p. 139). O mesmo é descrito acerca das demais aparições do Anjo e da Virgem.

2 *Memórias da Irmã Lúcia*, p. 169.

3 *Memórias da Irmã Lúcia*, p. 139.

4 *Memórias da Irmã Lúcia*, p. 145.

5 Depoimento de Jacinta das Neves, *Positio Super Virtutibus Francisci Marto*, 95

6 Christian Bobin, *Francisco e o Pequeninno*, Editorial A.O., Braga 2013, p. 91.

7 Parafrazeando Antoine de Saint-Exupéry.

*Agradecemos todos os donativos que nos foram enviados para auxiliar nas despesas da Causa dos Pastorinhos.*

*Sem estes auxílios económicos seria impossível manter esta Causa.*

**Quem quiser continuar a contribuir pode fazê-lo para:**

**Postulação Francisco e Jacinta Marto**

Banco Millennium BCP

NIB: 0033-0000-45340426373-05

IBAN: PT 50-0033-0000-45340426373-05

SWIFT: BCOMPTPL

### BEM-AVENTURADOS FRANCISCO E JACINTA MARTO

Publicação trimestral – ISSN 1645-1309

Isento de registo na ERC ao abrigo do Dec. Reg. 8/99 de 9/6 art.º 12 n.º 1 A

Diretora: Ir. Ângela de Fátima Coelho, asm

Editor e Proprietário: Postulação Francisco e Jacinta Marto

Morada: Rua de S. Pedro 9, Apartado 6 – 2496-908 FÁTIMA (Portugal)

Impresso na Gráfica Almondina, Zona Industrial 2354-909 Torres Novas

#### Contactos:

Tel: 249 539 780 • Fax: 249 539 789

e-mail: [secretariado@pastorinhos.com](mailto:secretariado@pastorinhos.com)

[www.pastorinhos.com](http://www.pastorinhos.com)